

FARJALLAT, Célia Siqueira. "Poema do amor maior". Correio Popular, Campinas, 07 jan. 1976.

"POEMA DO AMOR MAIOR"

Correio Popular

C. Siqueira FARJALLAT

Já a capa é de bom gosto, colorido e agradável, mostrando o retrato de Arita, em vestido azul, o rosto inteligente, iluminado por um leve sorriso de expectativa ou de ironia, não sei bem.

Se a capa agrada, muito melhor ainda é o conteúdo: cento e tantas páginas de poemas de bom quilate, marcados por uma inspiração verdadeira, poesia cristalina que a gente lê com real agrado, poesia que transmite muito bem sua mensagem de beleza, de sentimento, e de espírito de luta. Sobretudo, de luta. Não se engane o leitor com a frágil aparência da Autora, nem espere versos açucarados, dulcurosos frouxos. Arita que é talentosa e dinâmica e ao mesmo tempo, alegre e terna, reflete-se inteira em seus poemas, que ora defendem, ardorosamente, uma causa, ora atacam um abuso ou uma usurpação, e logo mais, falam de gestos de ternura, de perdas ilusões, de saudades, de conflitos de amor.

Arita não corre atrás da rima rara, não tem frenesim de ourives a repolir estrofes, nem faz uso de expressões emboloradas, arcaicas e complicadas. É poeta e não malabarista, e seus versos fluem com a naturalidade de água cristalina, jorrando de fonte generosa, sem esforço, com suavidade perfeita.

É um grato prazer intelectual a leitura dos poemas de Arita. São admiráveis muitos de seus versos pela originalidade — "A Pilula do Esquecimento" — "Faz de Conta" — El Valle de Los Caídos — como também é admirável o seu espírito combativo, defendendo com desassombro os humilhados e os ofendidos, os injustiçados e os perseguidos, toda essa legião imensa de miseráveis, a quem, na vida real, ela ajuda, anima, ampara e consola.

Leiam os senhores, por exemplo seu "Enterro de Pobre" e a "Canção do Barnabé", densos de piedade pelos desventurados, de dor, mas também de espírito cristão.

Esta compreensão da miséria humana é talvez o traço mais vibrante tanto da obra como da própria Autora, na vida real. Arita tem um nobre coração, uma piedade profunda pelos humildes, piedade que não se resume em palavras apenas, mas se traduz em ações vibrantes, onde há idealismo, coragem, audácia. Arita sabe comover-se sinceramente, sabe ajudar os aflitos, sabe, luminosamente, ver o lado bom e feliz dos acontecimentos e das criaturas. Deus a abençoe por isso! Pela alegria que irradia, pelo destemor de suas afirmações, pela intrepidez com que enfrenta as tempestades.

Como todos os espíritos superiores Arita não suporta as barreiras da mediocridade, os golpes das mesquinhas, as inutilidades que não conduzem a nada, e fazem perder tempo, quando lá fora a vida palpita, repleta de desafios, o céu é azul, as crianças brincam, e a poesia existe.

"Poema do Amor Maior" é livro que se lê devagar, e que nos vai conquistando pela cadência, pela musicalidade, pela forma vária e múltipla, pelo desdobramento além dos horizontes, pela comovente beleza de alguns poemas. Leiam, por exemplo, sua "Canção de maio" seu "Canto da Recordação", e os belíssimos "Contos de Minha Alma", e concordarão comigo. Seu "Poema da Fraternidade" é, sem favor, uma jóia literária, pela espontaneidade, pelo conteúdo, pela concisão, pela espiritualidade.

Presidente do mais informal e agradável clube do mundo — o Clube dos Poetas, Arita Pettená tem homenageado em festivais memoráveis grandes nomes na poesia, como Guilherme de Almeida, Paulo Bonfim, Menotti del Picchia e Gioia Jr. Para saudá-los compôs maravilhosos "Poemas-Discursos", onde com engenho e arte, mantendo o mesmo ritmo e o mesmo estilo, intercalou aos daqueles autores seus próprios versos. "Diante da Herma de Guilherme de Almeida" é uma obra-prima pela ternura e identificação com o estilo e a expressão daquele que foi o Príncipe dos Poetas Brasileiros e glória de nossa Campinas.

Dizia o lúcido crítico Alvaro Lins que se distingue um poeta "maior" pela sua faculdade de penetrar até o fundo do núcleo essencial dos fenômenos. Distingue-se um poeta "menor" pela sua permanência nos aspectos superficiais, exteriores, acidentais dos objetos. Um mesmo tema — grandioso ou insignificante: não importa — será tratado de formas diferentes: o poeta "maior" revelará o mistério essencial da sua realidade; o poeta "menor" fixará a superfície de sua fisionomia exterior. Arita Pettená é poeta "maior". Ele executa a missão principal do poeta: faz-nos esquecer os aspectos convencionais pela apresentação de realidades transcendentais e essenciais, conduzindo-nos a uma esfera irreal, onde se fundem arte, vigor e expressão.

Mais ainda. Ela faz de seu verso um instrumento de fraternidade, de ternura e de amor cristão, como também uma lâmina de boa tempera para castigar todas as iniquidades.